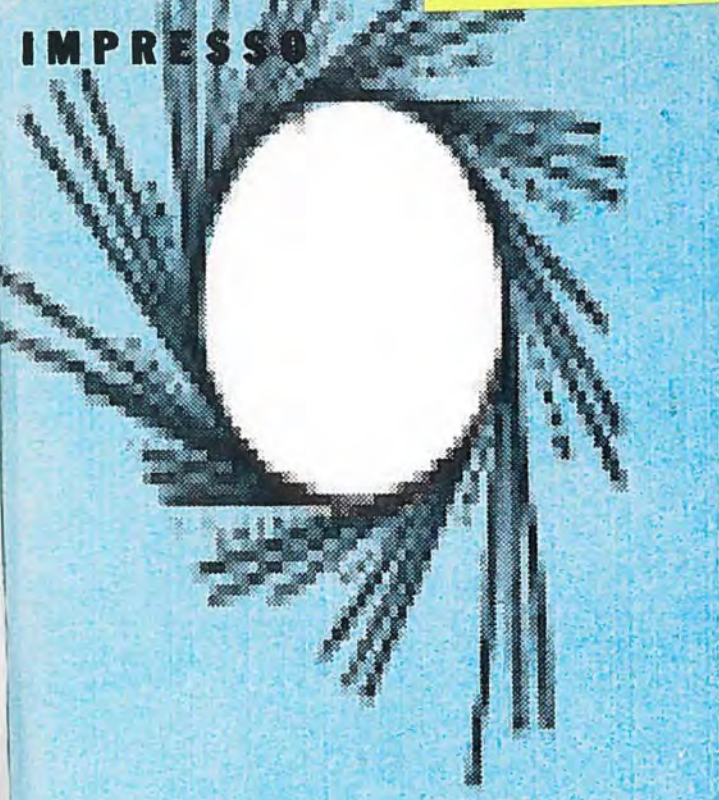


CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



Biblioteca/CLDF

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III

Nº 29/30

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



Graciliano Ramos e Rosário Fusco

**A ESCRITA DA
ANGÚSTIA**

Rosário Fusco ©

© 1927



Meu nome é

PLANALTINA

Entronizando a figura de Planaltina através de uma metáfora que coloca a cidade como uma mulher espectadora de sua própria existência, muito embora desfalcada de seu próprio destino, o professor Xiko Mendes faz um relato sobre a localidade mostrando, em detalhes, que a vida escorre entre os dedos de um tempo que, por não voltar mais, põe em risco o seu futuro.

Conhecer a história de um povo é olhar para o retrovisor do tempo e dizer para si mesmo que a imagem que ali se reflete é a cara, sorridente ou triste, de nossos antepassados, que continuam vivos no rosto de cada um de nós como fantasmas que nos perseguem ou como personagens que dramatizam papéis trágicos ou cômicos neste grande palco que é a vida e serve de cenário para a história humana.

Poderia começar minha história de outra maneira, mas preferi provocar esta reflexão porque entendo que a vida, assim como a história, não se resume numa ficha de identificação de fatos e pessoas. Meu nome é Planaltina. Nasci na terra dos Goiases e Crixás em 19/8/1859. Para muita gente sou uma velhona. Te-

□ Xiko Mendes

nho mais de cem anos! Sou filha do útero da terra conquistada pelos colonizadores portugueses que aqui chegaram, expulsaram os índios, devastaram o cerrado em nome da civilização e construíram este mosaico étnico de cores: brancos, negros, mulatos, cafuzos, etc.

Antes de nascer, fui um feto meio fraquinho que demorou muito para ser gerado e teve parto difícil. Eu, Luziânia, Formosa, Paracatu, Pirenópolis e muitas outras cidades vizinhas de mim, somos todas fruto desse matrimônio forçado que uniu a ambição do homem branco com o seu eterno desejo de enriquecer. Aqui nesta região encontraram ouro. Muitas famílias como Guimarães, Gomes Rabelo e Alarcão se tornaram poderosas criando e vendendo gado. Dizem que comecei a ser

gerada no final do século XVIII, a partir de 1780. Meus pais foram os criadores de gado. Em 1810 fui vítima de uma epidemia, mas não morri. A população, muito religiosa, se apegou a um santo, fui salva da peste e aí me batizaram com o nome de São Sebastião de Mestre d'Armas. Sou, pois, filha bastarda de um velho ferreiro até hoje não identificado. Em 17/7/1834 criei o 3º Distrito de São Sebastião de Mestre d'Armas e passei a fazer parte de Luziânia, que, um ano depois, foi anulado e me anexaram a Formosa.

Depois que nasci como Distrito de Paz de Mestre d'Armas, me transformaram em vila em 19/3/1891. Criaram aqui uma intendência e o Sr. João Quirino foi o primeiro que me administrou. Em 1880 criaram a

paróquia de São Sebastião, e, passados dois anos, me ensinaram a ler. Criaram aulas somente para alunos. Em 2/7/1910 falsificaram minha certidão de batismo. Ganhei nome de macho! Passaram a me chamar de Alta-Mir, isto é, alta miragem, visão do planalto. E em 1917 tirei minha identidade e passei a ser chamada Planaltina, definitivamente.

Sempre corajosa, evitei que a pedra fundamental, lançada pelo Presidente Epitácio Pessoa, acertasse minha cabeça. Fui deixá-la no Morro do Centenário como marco do sonho que um dia seria realidade, a construção da que hoje é a minha madrastra: a Senhora Brasília. Entre 1922 e 1930 fiz muitos projetos habitacionais para incentivar pessoas de todo o Brasil a virem morar comigo. Ganhei meu primeiro jornal: "O Alta-Mir"! Em 1937 me deram de presente a fundação da "Escola Paroquial" (atual Centro de Ensino nº 2). Um ano depois, em 2 de março, me transformei em cidade. Fiquei independente, me tornei sede de uma Comarca da Justiça Goiana em 1947 e muito feliz quando, em 1951, fundaram a Escola Normal Olívia Campos Guimarães.

A partir de 21/4/1960 mudei minha vida. Perdi minha independência. Passei a fazer parte do território do Distrito Federal. Muita gente veio morar na minha casa. Chegaram candangos do Nordeste, do Sul e do Norte. Gente de toda parte que se espalhou pelos meus quartos. Eu, que já era casada e tinha filhos, ganhei outros novos. Uns são ricos, já velhos, outros são ainda muito crianças, pobres. Meu primeiro filho é o Setor Tradicional. Nele moram os descendentes de meus pais, que vieram de Portugal e conquistaram estas terras de minha mãe, indígena, filha do



sol, rainha das águas. Vicentina, Estância e Araponga são minhas filhas. A primeira já velhona. Lá foram morar os primeiros imigrantes candangos. A segunda e a terceira são muito novas. Elas duas são empoeiradas, sofrem muito com a desidratação, ainda não têm telefone, esgoto nem asfalto.

Buritis e Vale do Amanhecer também são meus filhos. No primeiro residem mais imigrantes, os que se enriqueceram, construíram prédios e montaram lojas atacadistas. Buritis sempre gostou de fazer comércio para ser feliz, enquanto o Vale é um filho diferente, preocupado com as coisas do além. Lá moram os espíritas. O Jardim Roriz é um dos meus filhos caçulas, gerados fora do casamento com um político que queria ganhar o meu voto.

Neste aniversário quero que você cante parabéns bem diferente para mim. Sou uma mulher que divide a casa com mais de 100.000 habitantes! Eles são os meus netos que vivem nos bairros que citei. Por isto peço-lhe que faça do meu aniversá-

rio um momento especial para você pressionar o GDF a melhorar as condições de vida e trabalho dos meus filhos. Muitos deles como Estância, Araponga, Setor Sul, etc., vivem infelizes, cheios de problemas. Por que então não colabora para que eles se desenvolvam tanto quanto Buritis, por exemplo?

Esta é a minha história, que não acaba aqui. Sou Planaltina, uma jovem mulher com 137 anos! Amo todos vocês como meus netinhos. Estou sempre de portas abertas, inclusive para visita dos turistas. Em nossa casa temos todo ano Festa do Divino Espírito Santo, Encenação da Paixão e Morte de Cristo (Via Sacra). Nossa cidade é bela, é maravilhosa! Visite nosso museu, onde você poderá ver muito da história que te contei aqui! Visite Águas Emendadas e ajude a preservar nossa natureza; vá ao Morro do Centenário e veja como a gente já sonhava com Brasília muito antes de você nascer!

Adoro ter vocês como habitantes desta grande casa de todos, que é a nossa cidade! Cuido sempre dela com carinho. Sou muito hi-

A catira é uma dança folclórica muito difundida em Goiás. Planaltina tem vários grupos organizados, que fazem apresentações durante a Festa do Divino

giênica, detesto sujeira nas ruas. Quero ser sempre bonita, bem cuidada e amada por vocês! Sou Planaltina, a menina dos teus olhos!

Guarde na memória tudo o que lhes contei hoje, pois no meu próximo aniversário quem vai contar a minha história é você! Saiba que a história humana é como a caixa preta de um avião. Quando você decola do aeroporto, ela registra os segredos da sua viagem. Quando você aterrissa, ela divulga os seus mistérios e decifra os seus enigmas. Diz para o mundo todo se sua viagem foi uma comédia ou uma tragédia. Vocês são os meus personagens! Continuem fazendo a minha história! Até o meu próximo aniversário! Viva Planaltina!!!

Xiko Mendes é prof. da FEDF, historiador, membro da Academia de Letras do Noroeste de Minas (Paracatu).



Daniel Marques
(PMDB)

Nenhum homem consegue tornar-se um verdadeiro cidadão sem a presença desse grande companheiro que é o livro. Existe a máxima que diz que "um país se faz com homens e livros". É uma verdade inquestionável. Todos os esforços de uma nação, de um governo e de uma sociedade para abastecer os cidadãos com livros devem ser incentivados. Desde pequenina, a criança deve ser levada a conhecer o fascinante mundo dos livros, para que a leitura, ao contrário de uma obrigação, seja vista como um grande prazer que, na verdade, é. É dever de todos nós buscarmos os meios que popularizem a leitura em nossa cidade e em nosso país.



Zé Ramalho
(PDT)

O que seria da cultura/história de um país sem os livros para contá-la e ensiná-la? Os livros representam a memória viva de um povo e suas origens. A cultura sem os livros é o mesmo que uma pessoa sem identidade, uma nação sem raízes, uma religião sem base doutrinária. Através dos livros, conhecemos o passado, nos orientamos no presente e nos preparamos para o futuro.

